

Em a. 578.

Boletim da Aliança Anarquista do Rio de Janeiro

Fevereiro de 1918

N. 1

Distribuição gratuita

ALIANÇA ANARQUISTA DO RIO DE JANEIRO

Atendendo ao apelo dalguns camaradas, os militantes anarquistas residentes nesta cidade, em sua grande maioria, compareceram a uma reunião convocada para o dia 20 de janeiro ultimo, na qual se tratou de dar por terminadas as discussões estereis travadas em torno do tema «anarquismo e sindicalismo», constituindo-se, em consequencia, a Aliança Anarquista do Rio de Janeiro, organismo de espirito largo e amplo, jenerico e fundamental.

A Aliança Anarquista não é propriamente uma agrupação no sentido restrito e comum das agrupações libertarias: é antes um orgam de união, de entendimento, de aliança entre todos os anarquistas do Rio de Janeiro formados em grupos ou não. O seu fim é congregar esforços na propaganda jeral e bazica da anarquia, sempre que isso se tornar oportuno e necessario.

Uma reduzida comissão de relações ficou logo escolhida, rezolvendo-se tambem a publicação mensal deste BOLETIM, ao qual se dará uma feição serena e principalmente documentaria.

SAUDAÇÃO

Ao dar inicio, em forma concreta, aos nossos trabalhos, é com um grande contentamento que enviamos aos camaradas do Brazil e do mundo todo a nossa cordialissima saudação de revolucionarios.

A' jovem e esplendida Revolução russa, especialmente, um ezultante, um comovido grito de solidariedade e de entusiasmo!

O BRASIL NA GUERRA: A ATITUDE DOS ANARQUISTAS

Os governantes arremessaram o paiz na guerra, mas não com o silencio, nem com o aplauzo dos anarquistas. O nosso antiguerismo, o nosso antimilitarismo, o nosso antipatriotismo são fruto de profundas convicções, e não esmoreceram com o atjirnos a guerra, nem se anularam ante a formozza burla da «união sagrada». E este é o nosso orgulho, esta é a nossa honra.

Estamparemos, aqui, os documentos comprobatorios da atitude dos anarquistas do Brazil á entrada deste paiz para a manança.

O monte crece...—O Brazil vai entrar na guerra. Assim o ezijem os potentados, hi-

pocritamente indignados com o afundamento dos vapores nacionais.

E' bom não esquecer que o sr. Nilo Peçanha declarou, ainda ha pouco, que ninguém iria para o matadouro... A palavra de S. Ex. está tendo agora plena confirmação...

Quantos milhares de homens serão ainda imolados ao terrivel e insaciavel Moloch? !...

(*A Plebe*, de S. Paulo, n. de 30 de outubro de 1917.—Esta nota foi feita evidentemente á ultima hora; mas *A Plebe* não se publicou mais e assim ficaram no tinteiro as declarações positivas que de certo se fariam. Todavia, mesmo assim, é uma nota de franca repulsa e deve ficar rejestrada.)

O momento—O governo do Brazil declarou, por fim, o estado de guerra com a Alemanha. O fato era esperado, mais dia menos dia. Desde o torpedeamento do Paraná, o governo do Brazil, sob evidente e clarissima pressão dos aliados, deixou trachada a róta a seguir, determinada pelos acontecimentos futuros. A' ruptura simples de relações diplomaticas, seguiram-se a confiscação dos navios alemães, como reprezalia a segundo e terceiro torpedeamentos, e a quebra de neutralidade, como manifestação de solidariedade continental aos Estados Unidos. Isto já era, virtualmente, estado de beligerancia. Agora, com o pretexto do torpedeamento do Macau, navio ex-alemão dos surripados anteriormente a titulo de reprezalia e sob a fórma elegante e legalissima de confiscação, nada mais se fez que uma declaração puramente verbal, de decreto, pois que o fato concreto já ezistia. Com a diferença de que, armado de tal decreto, o governo, e por detraz dele os aliados, terão as mãos inteiramente livres de fazerem o que lhes vier á mente, mesmo que seja contra a vontade do povo. Este, com efeito, é o aspéto grave e sério da situação creada pelo decreto de 26 de outubro. O governo se investiu de amplos e ilimitados poderes, para agir como entender e como melhor convier ao que ele, governo, chama defeza nacional e segurança publica.

Este periodico, inteiramente consagrado ás classes trabalhadoras, de um ramo das quais é o reprezentante jenuino e altivo, cumpre o dever de chamar a atenção do proletariado brasileiro para as graves questões que fatalmente terão de ser decididas durante esta guerra. Falamos, de proposito e de coração, com a maior serenidade e com a maior firmeza de animo.

O mundo todo atravessa uma crise deci-



ziva, cuja solução se acha fundamentalmente ligada à resolução da questão social. E esta, é claro, tem que ser levada a cabo pelo proletariado e não pelos exploradores do proletariado, governantes e patrões. Ora, as classes operarias do Brazil não podem ficar estranhas ao formidável movimento de transformação social inevitável que se nos apresenta. E não podem, também e principalmente, si se não querem ver completamente junjidas ao carro opressor e asficsiante do Estado, submeter-se, às cegas e de mãos atadas pelo guerrismo, ao arbitrio incontentável e forçadamente tirânico dos governos.

O momento é de energia, de prontidão, de vontade, e de inteligência firme das couzas. Que os trabalhadores do Brazil se coloquem, desde logo, á altura dos acontecimentos e se mostrem dignos do futuro que se esboça em nossa frente.

O COSMOPOLITA, fiel á sua orientação de sempre, aqui se manterá no seu posto de honra, custe o que custar, aconteça o que acontecer.

(O *Cosmopolita*, n.º de 1 de novembro de 1917).

Publicaremos, a seguir, artigos do *Debate* desta cidade, da *Semana Social* de Maceió, o manifesto, em lingua italiana, dos anarquistas da *Guerra Sociale*, de S. Paulo.

A GUERRA E O COMERCIO

São muito instrutivos os seguintes dados estatísticos, colhidos pela *Noite* e publicados a 22 de janeiro numa reportagem sobre «Os efeitos da guerra sobre a exportação do Brazil»:

Em 1913 saiam do Brazil para o exterior 1.210.679 toneladas de produtos varios no valor 872.141 contos; em 1914, 1.183.700 toneladas e 673.167 contos; em 1915, 1.627.801 toneladas e 912.902 contos; em 1916, 1.675.883 toneladas e 1.005.492 contos; em 1917, 1.793.457 toneladas e 1.045.179 contos.

Especificando alguns produtos, temos: xarque, em 1913, 19 toneladas no valor de 21 contos de réis; em 1917, 3.928 toneladas e 4.173 contos;— carne conjelada, em 1914, 1 tonelada por 1 conto de réis, em 1917, 62.333 toneladas e 56.114 contos;— assucar, em 1913, 5.341 toneladas e 967 contos; em 1917, 121.733 toneladas e 63.683 contos;— feijão, em 1913, 3 toneladas e 1 conto; em 1917, 90.331 toneladas e 38.923 contos.

Ora, este enorme acrescimo de exportação, de saída de jeneros para fóra do Brazil, é que cauza a enorme subida de preços internos. Concluía a *Noite*; «de uma maneira jeral, pode-se afirmar que a guerra teve uma influencia benéfica sobre o nosso commercio de exportação»... E como quem diz commercio diz comerciante, e portanto, o burguez, o rico, resulta de tudo isso, claramente, o seguinte: que a guerra, para a burguezia, é um ecelente negocio, enquanto que para o povo, não se falando,

na possível contribuição de sangue, é motivo só de fome e de miseria.

E assim é como se esplica o enorme entuziasmo da burguezia pela continuação da guerra...

OS DEPORTADOS DE S. PAULO

Toda a imprensa se tem ocupado deste caso. Os deportados do Curvelo teem andado por Seca e Meca... pela Baía, pelo Recife, pelo Pará, por Barbados, por Nova York... e por outros 3 ou 4 tranzatlanticos... Em rezumo: teem todos voltado para o Brazil, porque em parte nenhuma os aceitam. Assim é que cinco dos espulsos se acham libertos, por *habeas-corpus* legal ou de fato. Apenas um deles ficou na America, doente. Dous outros, a estas horas, continuam presos a bordo do Itapura, e consta que, ao passar este vapor por Santos, a policia de S. Paulo apanhal-os-á de novo, naturalmente com a intenção de mandar assassinal-os.

Isso no caso de não obterem uma ordem de *habeas-corpus*, mas *habeas-corpus* de fato...

A proposito de dous dos espulsos que vinham de Nova York, de; torna viagem, o *Imparcial* do dia 25 bordou um comentario imbecil, ao qual a Comissão de Relações da Aliança Anarquista julgou de bom avizo rebater com um protesto formal:

«Sr. Redator do *Imparcial*.

«Num dos «écors» da edição de hontem da vossa folha, ao tratardes do caso dos operarios espulsos, ha seis mezes, de S. Paulo, e que andam embarcados, desde então, sem poderem saltar em qualquer parte, afirmais que: «Não ha paiz, hoje, que se descuide desses problemas, e que se conforme com a situação de Sapucaia universal, aceitando sem protesto o *lixo humano* (o grifo é nosso) arrebatado das outras praias do mundo».

«Em nome dos anarquistas do Rio de Janeiro, em nome dos anarquistas do Brazil, em nome dos anarquistas do mundo inteiro, nós vos apresentamos o mais decidido protesto contra a grosseira injuria que, assacada e dirigida a companheiros nossos, a todos nós attinge,— de resto, baldadamente, porque nós nos colocamos muito acima das calunias gazeiteiras. Protestamos perante o publico, ao qual prometestes servir, em vossos programas, mas de tal modo iludis, enxovalhando, sem uma unica prova material, levado só pelo preconceito anti-anarquico, a homens dignos e limpos, abnegados e ardorosos militantes libertarios.

«Esquecei-vos lamentavelmente, Sr. Redactor, que Trotski e Kropotkine (para citar dous ezeemplos em evidencia) pertencem á mesma «jente dessa ordem» e que já perigrinaram pelo mundo, prezos e espulsos de toda a parte, como «lixo humano»: vêde, porém, agora, o lugar em que se encontram eles, e vêde também o lugar em que se encontram e para onde se encaminham todos aqueles que os perseguiam, prendiam e espulsavam... Um dia é da caça,

outro do caçador. E não percebestes ainda, Sr. Redator, que os tempos se apossam em que o «lixo» ameaça esmagar sob o seu pezo as «vassouras» que pretendem limpar o mundo, sem reparar nos cabos tortos que as acionam?»

Ao dia seguinte, o *Imparcial* penitenciou-se. Disse que: «Quem isso escreveu (o «éco» injurioso anterior), ignorava si os indivíduos recambiados de Nova York eram anarquistas». E aí está em que dá o critério da grande imprensa orientadora da opinião publica... — Bakunine.

UM CASO TÍPICO

Aos 22 dias do mez de novembro de 1917, na vijencia do estado de sitio, foi prezo, pela policia do Sr. Aurelino Leal, o nosso camarada Francisco Ferreira. Encarcerado, desde então, esse companheiro continúa sendo processado por «crime de vadiagem». Não entendemos nada de leis nem de codigos, mas, si o bom senso não falha, «vadiagem» quer dizer «não trabalho voluntario». Ora, Francisco Ferreira estava trabalhando, na ocasião em que foi prezo, e desde alguns mezes já, na Fabrica de Calçado Campo de Marte, da firma Diniz & C., estabelecida á rua Visconde de Itauna n. 461. Em defezo do aqzado foi ezibido um atestado da referida firma, no qual atestado se afirma ser Francisco Ferreira empregado efetivo, desde varios mezes, da citada fabrica. Pois bem: a policia de que é chefe o bacharel Aurelino Leal, professor de Direito, continúa a processar o operario Francisco Ferreira por «crime de vadiagem». E' um caso tipico, esse, — e caracteristico da verdadeira função da justiça burgueza...

DOCUMENTOS SOBRE A REVOLUÇÃO RUSSA

Sobre esta rubrica iremos consecutivamente rejistrando os documentos mais caracteristicos, de que tenhamos conhecimento, referentes á Revolução russa. Telegramas, artigos, notas, impressões, todo e qualquer material nos servirá—verificada, claro está, quanto possível, a idoneidade de cada um. Começamos, porém, por transcrever, á maneira de introdução, dous topicos profeticos de antigos escritos de Marx e de Bakunine:

1

...«Os burros prussianos não veem que a actual guerra (de 1870) dará forçosamente em resultado uma guerra entre a Alemanha e a Russia— como a guerra de 1866 conduziu a uma guerra entre a Prussia e a França. Eis o resultado mais evidente que dela espero para a Alemanha... Esta segunda guerra provocará tambem uma revolução social inevitável na Russia»—Karl Marx (Carta a Sorge, 1 de setembro de 1870).

2

«Os revolucionarios russos querem nem mais nem menos que a dissolução do mons

truozo Imperio de todas as Russias, que, durante seculos, esmagou com o seu pezo a vida popular, não conseguindo, porém, estingui-la de todo. Eles querem uma revolução social tal que a imaginação do ocidente, moderada pela civilização, apenas consegue pressentir»—«Um pouco mais de tempo... e então—então ver-se-á uma revolução que sem duvida ultrapassará tudo quanto se conhece até aqui em materia de revoluções».

3

O «Soviet» pretendia apresentar á Assembléa Constituinte uma declaração nos seguintes termos:

«Todo o poder nos diversos distritos do paiz pertence aos conselhos de operarios e soldados e camponeses. A Republica russa funda-se á base da livre união das nacionalidades livres. Seu programa fundamental é o seguinte:

- a) supressão de toda a exploração dos homens pelos homens;
- b) abolição das classes sociais;
- c) instalação do regimen socialista;
- d) abolição de toda a propriedade particular, devendo todas as terras ser transferidas aos trabalhadores sem compensação de especie alguma;
- e) a anulação de todos os emprestimos negociados sob o regimen czarista dos proprietarios de terras e burguezes;
- f) transferencias de todas as propriedades dos bancos para o Estado».

(O *Imparcial*, 20 de janeiro)

4

Decreto dos massimalistas dissolvendo a Assembléa Constituinte:

«A revolução russa foi feita pelos «soviets», pelos operarios, pelos camponeses e pelos soldados, e sendo ela uma unica organização de todos os trabalhadores explorados, é, portanto, a unica capaz de dirigir a luta em prol da completa libertação das classes produtoras das garras da burguezia.

Sendo assim, o desconhecimento da autoridade (1) dos «soviets» significava nada mais do que a restauração da burguezia, isto é, um passo para a supressão total da liberdade e um passo para a bancarrota da revolução feita pelos trabalhadores.

Os camponeses, os socialistas-revolucionarios (2) e os partidos da direita lutaram abertamente contra os «soviets» sus-

(1) Seria, de fato, «autoridade», a palavra escrita no orijinal? Nessa couza de telegramas da grande imprensa é necessario por-se de quarentena muita couza. Alem das traduções, ha a ignorancia crassa e... a natural má fé dos correspondentes e jornalistas... A mesma ebservação quanto á palavra «Estado» da letra f) do telegrama anterior.

(2) E' necessario não tomar á risca estas denominações partidarias, parece que diferentes na Russia do que são nos outros paizes, e principalmente pelos motivos apontados na nota anterior...

tentando os exploradores do trabalho; e nestas condições, está claro que eles conduziram o paiz á contra-revolução burguesa.

Portanto, o «comité» executivo central achou que devia ordenar a dissolução da Assembléa Constituinte, rezolução esta já posta em pratica.—(O *Imparcial*, 22 de janeiro)

5

Petrogrado 1—O Congresso dos Delegados dos Operarios e Soldados adotou uma Constituição estabelecendo a união voluntaria de todas as nações russas sob o nome de Republica Socialista dos Soviets Russos. A autoridade suprema será exercida pelo Congresso Panrusso de Operarios e Soldados, representado no interregno das sessões, que serão trimestrais, por um «comité» executivo.

(*Jornal do Commercio*, ed. da tarde, n. de 1 de fevereiro).

6

Foi, de fato, a revolussão russa, com todos os seus tragicos successos, o acontecimento que mudou a face das couzas, começando a tornar possiveis programas, transformações sociais, movimentos de independencia politica e sistemas de governo que já nos primeiros mezes da guerra continuavam a ser considerados como fatos impraticaveis e inconvenientes, como utopias deliciosas e alegres.

Esqueciam-se, os que assim pensavam, que, igualmente como utopias, consideradas foram, no seu início, todas as grandes conquistas da humanidade e da civilização... (O *Paiz*, n. de 25 de janeiro de 1918).

7

O *Imparcial* do dia 3 do corrente publicou uma curiosa nota do correspondente da *United Press* em Petrogrado, Sr. Shaplen. O jornalista transmitia as suas impressões duma vizita que conseguiu fazer, em companhia de trez socialistas suecos, á celebre prisão de Pedro e Paulo. Eis um trecho que merece transcrição:

«Notei, no interior da fortaleza-prezidio, muita ordem e um bem organizado serviço de ordens, dentro do qual os prisioneiros gozam relativa liberdade.

O primeiro cubiculo visitado foi o do Sr. Huckolminoff, considerado aqui um dos cauzadores da guerra mundial. E' um homem de 75 anos, com espessa cabeleira branca e ainda robusto. Interrogado pelos socialistas sobre o actual rejimem de vida na fortaleza, declarou imediatamente:

— Melhor que sob o rejimem do czar; tão bom quanto é possível em um prezidio. Mesmo sob o governo do Sr. Kerenski, a vida aqui era peor; os prisioneiros não podiam receber cartas; agora, recebo diariamente a vizita de minha mulher; tenho jornais e livros. Note-se que fui eu mesmo quem iniciou a formação de uma biblioteca para o uzo dos prisioneiros nesta fortaleza; inicii-a contribuindo para ela com cento e cincoenta volumes, que, agora, me teem sido muito uteis.

Interpelado depois do ponto de vista poli-

tico, o Sr. Huckolminoff declarou o seguinte:

— Como politico, sou realista e conservador; porém, abençoô o dia em que os massimalistas se apoderaram do poder e a despeito de minhas convicções quanto á superioridade do rejimem monarchico não acredito que o czarismo possa reviver na Russia.

Ficou um longo instante pensativo e depois acrecentou:

— O mundo inteiro vai desmoronando; a cultura intelectual e os sentimentos de humanidade vão sendo pouco a pouco dominados e destruidos (1)... De onde poderá vir a salvação, agora? De onde, si até o proletariado perde o seu carater (2)? Todas as minhas propriedades foram confiscadas, toda a ordem social foi revolvida... Para que? Que sairá de tudo isso (3) ?... »

(1) Cultura e sentimentos do ponto de vista «realista e conservador». Do ponto vista jeral e humano, não: uma prova está no proprio testemunho do entrevistado, quando afirma ser «muito melhor» o rejimem revolucionario do prezidio.

(2) Caráter, como? Si é que perdeu o caráter de explorado, bem. E ainda bem!

(3) Simplesmente isto: a Anarquia, que pregamos, defendemos e justificamos, ha mais de meio seculo.

GRUPO EDITOR DA "PEQUENA BIBLIOTECA LIBERTARIA"

Constituido em outubro do anno findo, este Grupo, que se retraira em virtude da declaração de guerra e do estado de sitio, volta á atividade, reorganizado e revigorado.

E' seu proposito fazer grandes edições de folhetos de propaganda elementar e fundamental, para distribuição gratuita. O primeiro folheto a ser editado, para o que se acham em circulação listas de subscrição, é o de Jorje Thonar, *O que querem os anarquistas*. A este seguir-se-ão: *Anarquia*, de André Girard; *Porque somos anarquistas?* de Saverio Merlino; *Para os que não são anarquistas*, de Eduardo Gilimón; *Anarquismo*, definição e historico da Enciclopedia Britanica; *A guerra*, de Un-Sans-Patrie.

ESTE BOLETIM

E' distribuido gratuitamente pelo Brazil inteiro, pelas associações operarias, libertarias, scientificas, literarias, pela imprensa diaria e periodica, bem como a quantos nol-o pedirem, bastando para isso a simples comunicação do endereço. Aos amigos e camaradas que dezejem receber pacotes, pedimos nos avizem o numero de exemplares de que necessitam. Escuzado será dizer que este BOLETIM é feito com esforço e sacrificio e que, assim, toda a ajuda voluntaria, que nos oferecerem, será preciosa.

Toda a correspondencia, quer para o BOLETIM, quer para a Aliança, com valores ou não, deve ser dirigida escluizivamente para: *Arindo d'Avila Pereira, Caixa postal 1936, Rio de Janeiro.*



QUE E' ANARQUIA ?

Anarquia quer dizer *não superioridade*, isto é, não governo de individuos que impõem sua vontade aos outros.

Isto não quer dizer que seja *falta de direção* ou de *ordem*. Pelo contrario, hoje em dia temos uma ordem *aparente*.

Com efeito, si suprimirmos a policia, a FORÇA armada, a sociedade se mostrará numa grande dezordem. Logo, só eziste hoje *compressão*. Para haver certa ordem aparente é necessario o *emprego da força publica*.

E porque é necessaria essa força? Porque, evidentemente, uma grande parte dos homens *não estão satisfeitos* com outra parte. Realmente, uma parte dos homens, que se chamam *governo*, uzam a força publica contra outra parte dos homens.

Mas quem são esses homens do governo? Dizem eles que são os *eleitos do povo*, mas nós sabemos que são os *representantes dos que exploram o povo*: banqueiros, patrões, politicos, comerciantes, etc. Quando os trabalhadores vão *votar* neste ou naquele homem do governo são iludidos por ele ou obrigados pelos patrões.

Na sociedade portanto não ha *acordo* entre os homens, porque os exploradores nunca se podem pôr de *acordo* com os explorados. Por isso os explorados: escravos, servos, criados, operarios, se revoltam contra eles. Daí as greves, as revoltas, as revoluções.

Para manter essa escravização dos trabalhadores os homens do governo gastam somas fabulosas para sustentar soldados, juizes, funcionarios publicos, etc. Essas somas poderiam, bem applicadas, minorar a miseria dos trabalhadores.

A *Anarquia* é a constituição de uma sociedade sem os homens do governo, isto é, sem os exploradores. E' uma sociedade em que ha direção, ordem, acordo, mas sem policias, nem ezercitos, nem ministros.

Será isso possivel? Sim, desde que suprimamos a cauza unica de todas as dezavencas sociais, de todos os crimes e vicios.

E qual esta cauza? A *propriedade*. Realmente, os roubos, as guerras, as falcatruas, a maior parte dos assassinios, o iogo, a prostituição, a miseria, todos os males sociais provêm da *propriedade*. Alguns individuos se apoderaram da Terra e não permitem que a maioria a cultive e dela estraia riquezas comuns. Esses individuos tiram para si o mais possivel e deixam o menos possivel para os outros. Para isso inventou-se o *dinheiro* e por esse meio as riquezas são distribuidas muito mal. Ezemplo: um trabalhador do sertão ganha por um trabalho horrivel de 12 horas apenas 1\$000. E' o mesmo que recebe um tabelião para escrever embaixo de uma firma: *Reconheço a firma de fulano*. Note-se que o trabalhador de enxada produz *riqueza* e o tabelião não produz nada. O tabelião é um *parazita*.

Estinguindo-se o direito de propriedade, acabará essa injustiça clamorosa e as riquezas pertencerão a todos. Só assim os serviços serão distribuidos com ordem e se evitarão os enormes gastos inuteis com reclamos, luxos, funcionarios vadios, guerras, etc.

Anarquia é portanto uma obra de bom senso.

No futuro os homens ficarão espantados de saberem que houve um tempo em que a humanidade viveu sob o rejimem atual.

Medita nisso que dizemos e procura ler os livros anarquistas.

Eis uma pequena lista de alguns dos principais livros anarquistas:

P. Kropotkine: — *Palavras dum revoltado* — *A conquista do pão* — *O apoio mutuo* — *A ciencia moderna e a anarquia*.

Sebastien Faure: — *A dor universal*.

Jean Grave: — *A sociedade moribunda e a anarquia* — *A sociedade futura* — *O individuo e a sociedade*.

A. Hamon: — *Socialismo e anarquismo*.

Chr. Cornellissen: — *A caminho da sociedade nova*.

Charles Albert: — *O amor livre*.

Aliança Anarquista do Rio de Janeiro